

## **“O sonho de Maria” Uma experiência no campo de Alfabetização de Jovens e Adultos em Amaraji/PE**

**Autor: Aparecida do Carmo Fernandes Cheroti<sup>1</sup>**

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS/UFSCAR*  
*aparecida.cheroti@gmail.com*

### **Resumo**

Este trabalho aborda a experiência de alfabetização para adultos, que está em andamento na cidade de Amaraji/PE, o projeto envolve e foi destinado a agricultores familiares que trabalham a terra através do método de agricultura orgânica. Devido a essa particularidade o processo de alfabetização mescla essas nuances próprias desse contexto. Para tal ação escolheu-se diferentes métodos que alinhados estão e irão render bons frutos como os produzidos por esses homens e mulheres do campo.

Fazem parte da proposta pedagógica do projeto a Alfabetização através da palavra geradora de Paulo Freire e a compreensão da extensão do espaço escolar além da sala de aula em espaços não formais de aprendizagem, como a Educação Sistemica.

A experiência está sendo conduzida por um grupo de voluntários, formado por médicos, professores, cineastas e apaixonados pela educação e pela sua capacidade transformadora na vida de cada um dos envolvidos nessa ação modificadora.

Espera-se que esse seja apenas a semente de uma árvore frondosa que possa dar muitos frutos e possa se multiplicar e atender um número maior de municípios e de trabalhadores do campo.

**Palavras-chave:** Alfabetização de Jovens e Adultos, Educação no campo, Método Paulo Freire.

### **Introdução**

Era uma vez Maria, mulher, esposa, mãe, nordestina como tantas outras Marias, que aprenderam desde cedo o valor do trabalho e a sabedoria da natureza, mulher da terra, do sertão e mais uma entre tantas outras. Só que essa Maria era diferente de outras, mulher de fibra que nutria muitos sonhos e que pouco a pouco se colocou a caminho para realiza-los, a experiência a que se pretende narrar nesse artigo é a concretização do sonho de “aprender as letras” e a experiência concreta do processo de alfabetização da família de Maria e de um grupo de agricultores familiares no interior do Pernambuco.

O analfabetismo no Brasil é um problema recorrente que acompanha a história da nação, estima-se hoje que há um total de 11,8 milhões de analfabetos no Brasil, segundo dados do IBGE do ano de 2016, desse total a região nordeste apresenta um número quatro vezes maior que outras regiões do Brasil. Centrada nessa realidade, de Maria e de outras Marias no nordeste brasileiro que a experiência de alfabetização aqui citada se inicia. Tudo isto sem levar em conta a alfabetização da compreensão da realidade sistêmica ou política no sentido de Cidadania Plena.

<sup>1</sup> Professora de Educação Básica e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de São Carlos

Amaraji, cidade do interior do Pernambuco possui 21925 habitantes, está a cerca de 96 km da capital de Recife, inserida dentro da Zona da Mata Pernambucana. É a cidade que será o palco de concretização desse “sonho”, da personagem fictícia e de outras tantas Marias e Joses espalhados pelo Brasil.

O início desse processo acontece muito antes do processo de alfabetização, ele se inicia com a preocupação de agricultores em produzir alimentos sem o uso de agrotóxico visando restaurar o solo gasto e sem condições de produção da região. A partir das necessidades advindas do trabalho, surgem demandas até então esquecidas por esses agricultores, a leitura para entender os contratos que precisam ser assinados, a escrita para ir além do nome ou do dedo carimbado em documentos e a necessidade de uma compreensão maior de seu papel enquanto cidadão, de direitos e deveres. Também, foi importante na escolha da ação voluntária, o modo de produção praticado no sítio, o cooperativismo, no qual os “sócios” precisam visitar e observar periodicamente a produção, pois são os mesmos que “certificam” os alimentos como naturais e não uma certificadora externa como a legislação do orgânicos exige.

É assim através da necessidade vinda do trabalho do campo e das condições reais de existência que se pensou em estruturar um projeto de alfabetização, composto por grupo de voluntários passa a ter contato com essa gente “simples” que carrega valores e saberes adquiridos com a vida e é o relato dessa experiência a que se pretende esse trabalho.

### **Justificativa**

Alfabetizar jovens e adultos é um trabalho árduo para o educador e para o educando que se propõe a essa jornada e em uma realidade tão singular como a experiência ilustrada, ainda se torna um desafio maior.

Pelas próprias condições materiais da situação dos não alfabetizados, trabalhadores rurais marcados pelo trabalho e pela vida dura do campo que acompanha as sazonalidade das estações do ano em: plantio, colheita e descanso do campo. Esse experimento em alfabetização foi marcado por essas questões, o respeito ao agricultor, ao seu tempo e a sua necessidade de aprender “as letras”.

De acordo todas essas particularidades desse público, se optou nessa situação para a utilização do método de alfabetização de jovens e adultos de Paulo Freire, através das palavras geradoras.

### **Metodologia**

A experiência está centrada no uso de palavras geradoras, “que são aquelas que, decompostas em seus elementos silábicos, propiciam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras, assim a partir do qual se dá o processo de alfabetização sendo conduzido para e pela conscientização, as fases e execução do método em sua inteireza são relatados a seguir conforme Freire (1983) e na experiência proporcionada pelos ditames da Pedagogia Sistêmica.

01- Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará.

Este levantamento é feito através de encontros informais com os moradores da área a ser atingida, e em que não só se fixam os vocábulos mais carregados de sentido existencial e, por isso, de maior conteúdo emocional, mas também os falares típicos do povo, suas expressões particulares, vocábulos ligados à experiência dos grupos, de que a profissional é parte. (FREIRE, 1983, p.112)

No caso da experiência em Amaraji é importante retratar como foi feita a escolha dessas palavras, em uma primeira escolha das palavras, a formadora pediu que os participantes levantassem o nome dos produtos que ali eram produzidos, os participantes elencaram os seguintes produtos: Rúcula, Alface, Tomate, Cebola, Abacate e outros que são produzidos no chão daquela terra.

Dessas palavras a formadora utilizou as palavras Rúcula e Cebola para serem trabalhadas no próximo passo do método. Onde as palavras de origem e de escolha dos participantes remetem a forte ligação desses com o campo, sendo esses alimentos sustento para a própria família, assim como fonte de renda para a maioria dos participantes.

A segunda fase do método é descrita por Freire

A segunda fase é constituída pela escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado.

Seleção a ser feita pelos critérios:

a- o da riqueza fonêmica;

b- o das dificuldades fonéticas (as palavras escolhidas devem responder as dificuldades fonéticas da língua, colocadas numa sequência que vá gradativamente das menores às maiores dificuldades).

c- o de teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política, etc. (FREIRE, 1983, p. 113-114)

Assim as palavras iniciais escolhidas pela formadora buscaram cumprir com os critérios adotados pelo método a riqueza fonética, as dificuldades e o teor pragmático das palavras, essas foram: Rúcula e Cebola. Essas palavras têm significado especial ao dono e produtor daquele sítio onde está sendo realizada essa experiência, a recuperação do solo de sua propriedade só se deu com o rodízio de culturas nos espaços cultivados e esses produtos são produzidos naquele pedaço de chão.

Depois da realização da escolha a formadora foi trabalhando os critérios sintáticos da formação dessas palavras da escolha do simples para o complexo e sem uma ordem linear, mas de acordo com as interações e debates do grupo.

A terceira fase do método consiste “na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem vai se trabalhar”. (FREIRE, 1983, p. 114).

Nessa fase foi problematizado as questões do grupo, como são feitas as negociações dos produtos se os produtores ali presentes não podiam ler e compreender as informações presentes em um contrato comercial para o fornecimento de seus produtos, em que ponto eram prejudicados ao não conseguirem ler informações em rótulos ou em descritivos para a produção de seus produtos precisando sempre de um interlocutor para essas questões.

Também foi levantado no debate como a questão de ser analfabeto pode influenciar na escolha dos representantes políticos e se há uma influência no caso citado pela opinião dos participantes como negativa, como e o que seria diferente se fossem alfabetizados.

As respostas dos agricultores mostraram o saber inerente as condições materiais ali produzidas através do trabalho, pois mostraram que há sim uma influência negativa em não poderem atuar das discussões políticas por se sentirem a margem da sociedade em

alguns momentos sendo excluídos por sua condição de não alfabetizados, portanto segundo fala dos participantes sem muito a acrescentar a essas discussões. Mas, em contrapartida apesar de reconhecerem que são elos fracos de uma corrente, reconhecem que a partir do trabalho produzidos por eles, podem modificar e solicitar mudanças, sendo essas advindas de sua luta diária no dia a dia.

A essas situações Freire destaca seu papel

Estas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações – problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão codificadas, guardando em si elementos que serão descodificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador. O debate em torno delas irá, como o que se faz com as que nos dão o conceito antropológico de cultura, levando os grupos a se conscientizarem para que concomitantemente se alfabetizem. (FREIRE, 1983, p. 114)

A próxima fase é a criação de fichas roteiros que tem como objetivo auxiliar o formador para o debate, essas fichas roteiros são subsídios para ação do formador, não sendo, portanto rígida e inflexível, mas que pode ser moldar de acordo com o grupo.

Por último na quinta fase se tem “a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores”. (FREIRE, 1983, p. 115). Essas fichas foram produzidas na experiência de Amaraji e ainda é feita sempre ao final dos encontros, a oportunidade da formação de novas palavras através das famílias fonéticas que foram trabalhadas nos encontros, proporcionavam visivelmente alegria e satisfação aos participantes do evento, já que individualmente eram capazes de reconhecer símbolos até então desconhecidos e a partir do reconhecimento produzirem outras palavras a partir do conhecimento aprendido, sendo portanto produtores de seu próprio conhecimento.

## **Resultados**

No processo atual do projeto, alguns dos agricultores participantes da experiência já conseguem escrever com autonomia, assim como realizar a leitura de suas produções. Mas muito além do processo de alfabetização nota-se o empoderamento dos participantes do projeto, sendo esse o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitem ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão (HOROCHOVSKI e MEIRELLES, 2007). Ao se tornarem sujeitos de direito, buscam condições melhores condições de vida e lutam pela sua participação na comunidade.

## **Conclusões**

O projeto está em andamento, somando as ações de alfabetização outras relacionadas ao cuidado com a saúde, família, comunidade e com a terra.

Espera-se alcançar um maior número de envolvidos e que possa abranger a outros municípios e não ser apenas uma ação isolada.

### Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14ª edição. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1983.

FONSECA, Helen Vieira da. **O que é a pedagogia sistêmica**. Disponível em:

[http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2014/livros/o\\_que\\_e\\_a\\_pedagogia\\_sistemica.pdf](http://www.profdoni.pro.br/home/images/sampled/2014/livros/o_que_e_a_pedagogia_sistemica.pdf). Acesso em 26 jul. 2018.

HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; MEIRELLES, Giselle. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis, 2., 2007.